

# Considerações acerca da teoria dos Modos na *Ética* de Spinoza

## Considerations about the theory of the Modes in the Spinoza's *Ethics*

Emanuel Angelo da Rocha Fragoso\*

**Resumo:** A dificuldade particular da teoria spinozista dos modos. A definição de modos conforme a definição V do livro I da *Ética*. A caracterização dos modos como dependentes ontológicos da substância e sem autonomia. A teoria dos modos como abrangendo todas as coisas que não podem existir nem serem concebidas sem Deus. A definição dos modos infinitos imediatos como resultantes necessários da natureza absoluta de Deus ou da natureza absoluta de qualquer atributo de Deus, sem o concurso de outras circunstâncias. A definição dos modos infinitos mediatos como resultantes de qualquer atributo de Deus, enquanto é afetado por um modo infinito imediato. A definição dos modos finitos como afecções dos atributos de Deus ou como as coisas singulares que percebemos no tempo e no espaço com existência empírica, finita e determinada. A definição dos corpos como sendo apenas as determinações particulares do atributo infinito extensão e os entendimentos finitos são apenas modos do atributo infinito pensamento que não podem ser identificados com a substância absolutamente infinita ou Deus.

**Palavras-chave:** modos; ética; Spinoza.

**Abstract:** The particular difficulty of the Spinozist theory of the modes. The definition of modes according to definition V, book I of the "*Ethics*". The characterization of the modes as ontological dependents of the substance with no autonomy. The theory of the modes as embracing all the things that can not exist or exist or be conceived without God. The definition of the immediate infinite modes as necessary resultants of God's absolute nature or of the absolute nature of any of God's attributes, without the concurrence of other circumstances. The definition of the mediate infinite modes as resultants of God's attributes while affected by an immediate infinite mode. The definition of the finite modes as affections of God's attributes or as the singular things that we perceive in time and space with empirical, finite and determined existence. The definition of the bodies as being only the particular determinations of the infinite attribute extension and the finite understandings are merely modes of the infinite attribute thought, that can not be identified with the absolutely infinite substance or God.

**Key words:** modes; ethics; Spinoza.

A teoria spinozista dos modos revela-se com particular dificuldade, visto Spinoza não a ter exposto com suficiente desenvolvimento para sua perfeita compreensão. Devido a sua importância para o sistema spinozista e relevância para a Ontologia de Spinoza, ainda que controversa, a análise da teoria dos modos se faz necessária. Entretanto, por não concordarmos e nem discordarmos na totalidade com nenhuma das interpretações que foram escritas pelos diversos comentadores, limitaremos nossas considerações à explicitação e à exposição mais completa possível do conjunto de interpretações estudadas.

Spinoza escreve na definição V do livro I da *Ética*:

Por modo entendo as afecções (*affectiones*) da substância, isto é, o que existe noutra coisa (*in alio*) pela qual é também concebido (Id5)<sup>1</sup>.

Ao definir os modos como afecções da substância, Spinoza caracteriza-os como dependentes ontológicos da substância, sem autonomia. Esta caracterização pode ser mais bem evidenciada quando comparamos a substância com os modos e observamos que eles são determinados como a contrapartida lógica da substância: se a substância existe em si (*in sui*)<sup>2</sup>, os modos existem em outra coisa (*in alio*); se a substância é concebida por si, os modos são concebidos por aquilo em que existem e não por si próprios; ou

\* Professor de Filosofia Moderna da UEL. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Doutorando (créditos concluídos), em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

<sup>1</sup> Para as citações da *Ética* utilizamos a tradução portuguesa da Coleção *Os Pensadores*, da Editora Abril, 3. ed., ano de 1983, tradução de Joaquim de Carvalho *et al.* Nas citações da *Ética* de Spinoza utilizamos algarismos romanos para indicar as partes e algarismos arábicos para indicar as definições (d), axiomas (a), proposições (p), corolários (c) e escólios (s), antecedidos da letra correspondente. Como por exemplo, IIp11 e Ip33s1; a primeira citação refere-se à proposição 11 da parte II e a segunda ao escólio 1 da proposição 33 da parte I da *Ética*.

<sup>2</sup> A definição de substância é: Por substância entendo o que existe em si (*in se*) e por si (*per se*) é concebido; isto é, aquilo cujo conceito não tem necessidade do conceito de outra coisa do qual deva ser formado (Id3).

seja, as definições de substância e modo estabelecem uma relação de dependência ontológica, simétrica e oposta entre a substância e os modos. A nosso ver, ainda que controversa e “não autorizada por Spinoza” (DELBOS, 1987, p. 54), a interpretação mais correta para a relação de dependência ontológica entre a substância e os modos é a de que o spinozismo estabelece entre essas duas categorias do real uma hierarquia ontológica que tem a substância (por ser infinita absolutamente) como ápice e os modos (por não participarem desta infinitude absoluta e parte deles serem finitos) como “termo; aos atributos<sup>3</sup>, por não serem instâncias do real, fica reservada uma posição intermediária, já que eles são infinitos apenas em seu gênero.”

Em sua totalidade, a teoria dos modos em Spinoza abrange tudo aquilo que não é concebido por si; ou seja, todas as coisas que não podem existir nem serem concebidas sem Deus. Pois, se na natureza nada existe de contingente, tudo é determinado pela necessidade da natureza divina a existir e a operar de modo certo (Ip29), tudo o que existe, ou existe necessariamente devido à sua essência e definição, ou existe necessariamente de uma dada causa eficiente (Ip33s1). Portanto, a teoria dos modos deve compreender tudo aquilo que existe necessariamente de uma dada causa eficiente, já que o que existe por sua essência e definição são o próprio Deus (*causa sui*) e seus atributos. Essa teoria compreende o modo infinito imediato, o modo infinito mediato e os modos finitos, ou as coisas particulares.

Os **modos infinitos imediatos** são os que “resultam necessariamente da natureza absoluta de Deus” (Ip21) ou que “resultam da natureza absoluta de qualquer atributo de Deus” (Ip21); ou seja, são os modos que resultam imediatamente de Deus ou de qualquer atributo de Deus sem o concurso de outras circunstâncias. Esses modos são eternos (são sempre os mesmos desde toda a eternidade) e infinitos pela sua causa eficiente, dada a impossibilidade de se demonstrar o contrário, visto eles serem causados pela substância absolutamente infinita ou por atributos infinitos em seu gênero considerados absolutamente. Assinale-se aqui que o sentido dado por Spinoza à “existência eterna” desses modos é o da coisa “ter existido sempre” (Ip21); ou seja, nesta proposição a “eternidade” está sendo relacionada com o tempo; trata-se mais especificamente de uma existência sem começo e nem fim do que de uma “eternidade” propriamente dita. Neste sentido dado, a “existência eterna” aqui referida é justamente a duração, pois Spinoza define-a como a “continuação indefinida da existência” (IId5). Por conseguinte, os modos infinitos imediatos são ditos eternos em um sentido diferente daquele que é dito da coisa que é eterna em virtude de sua essência ou definição como coisa eterna.

Nestas últimas, a eternidade é um tipo específico da existência que não tem nenhuma relação com a duração e o tempo. Spinoza define na carta LXIV, endereçada a Schuller (SPINOZA, 1964, p. 315), o modo infinito imediato para o atributo pensamento como sendo o intelecto absolutamente infinito; e, para o atributo extensão, como sendo o movimento e repouso.

Os **modos infinitos mediatos** são os que “resultam de qualquer atributo de Deus, enquanto é afetado por uma modificação que, em virtude do mesmo atributo, existe necessariamente e é infinita” (Ip22); ou seja, são os modos que resultam de um atributo de Deus enquanto é afetado por um modo infinito imediato. São infinitos e existem necessariamente em virtude de resultarem de algum atributo divino infinito em seu gênero, mediante alguma modificação que resulta imediatamente da natureza absoluta do mesmo atributo que exista necessariamente e seja infinita (Ip23d). Ainda segundo a carta LXIV, para o atributo extensão ele é “a figura ou fisionomia do universo no seu conjunto, a qual se mantém sempre a mesma a despeito de ele variar em modos infinitos [*facies totius universi*]”. Para o atributo pensamento, Spinoza não deixou exemplos; porém, Delbos aventa a hipótese de ser a

ordem total das almas eternas, aquela ordem onde elas constituem uma unidade anterior a suas determinações singulares, que forma no pensamento o modo infinito e eterno mediato, simétrico da *facies totius universi* (1987, p. 61).

Para Deleuze, o modo infinito mediato do atributo pensamento é “o conjunto das relações ideais que regulam as determinações das idéias como idéias de modos existentes”; para o atributo extensão, é a *facies totius universi*, que significa “o conjunto de todas as relações de movimento e repouso que regulam as determinações dos modos enquanto existentes” (1970, p. 101-102).

Os **modos finitos** “são afecções dos atributos de Deus” ou “modos pelos quais os atributos de Deus se exprimem de maneira certa e determinada” (Ip25c); isto é, o modo finito são as coisas singulares que percebemos no tempo e no espaço com existência empírica, finita e determinada (Ip28). São idênticos às coisas singulares e têm como característica possuírem uma essência que não envolve a existência; ou seja, a sua existência, a sua ação e o próprio encaminhamento destas não têm origem em sua essência. Porque não possuem a existência necessária, as coisas singulares ou toda coisa que é finita e tem uma existência determinada não pode existir e nem ser determinada a agir se não é determinada a existir e a agir por outra causa além delas mesmas. Essa

<sup>3</sup> Spinoza assim define atributo: Por atributo entendo o que o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela (Id4).

causa é também finita e tem existência determinada por outra causa além dela mesma; e essa outra causa por sua vez, também possui uma causa finita com existência determinada que faz com que exista e aja; e assim indefinidamente. É a *infinitus causarum nexus* ou nexu infinito de causas [finitas] (Vp6).

A demonstração de Spinoza dada na proposição XXVIII, do Livro I da *Ética*, intenta provar que os modos finitos são determinados a existir e a agir por Deus enquanto é afetado por uma modificação que é finita e tem existência determinada. Sendo as coisas particulares finitas e com o agir determinado, sua causa eficiente não poderia ser a natureza absoluta de Deus ou a natureza absoluta de algum atributo seu, pois o que resulta imediatamente da natureza absoluta de Deus ou de um atributo divino é eterno e infinito. Todavia, Deus é a causa eficiente de todas as coisas que existem (Ip25) e tudo o que existe, existe em Deus (Ip15); logo, os modos finitos só podem ter como causa eficiente Deus ou algum atributo seu. A solução spinozista baseia-se na distinção da causalidade divina em causa imediata sem o concurso de outras circunstâncias e causa mediata, com o concurso de outra coisa além da ação divina: na primeira Deus é causa imediata, as coisas resultam necessariamente de sua natureza absoluta ou da natureza absoluta de algum atributo seu independentemente de todas as outras circunstâncias (como vimos no caso dos modos infinitos imediatos); na segunda, Deus é a causa mediata, as coisas resultam de algum atributo divino não considerado absolutamente e sim com o concurso ou influência de outras coisas (como vimos no caso dos modos infinitos mediatos). Ressalte-se aqui que estas “outras coisas” não podem agir sem Deus ou fora dele, porque “Deus age somente segundo as leis de sua natureza, sem ser constrangido por ninguém” (Ip17). Portanto, Deus determina a ser e mantém a existência das coisas particulares não por sua natureza considerada absolutamente, “mas por sua natureza afetada desta ou daquela modificação” (DELBOS, 1987, p. 62).

Entretanto, os modos finitos têm uma existência empírica ou uma duração que é uma sucessão de fenômenos, e uma existência eterna de uma essência singular onde se exprime de forma determinada o poder infinito que se manifesta nos atributos divinos (DELBOS, 1987, p. 65-66 e MOREAU, 1982, p. 40). Onde podemos concluir que aqui a causalidade divina se manifesta de duas maneiras distintas que correspondem aos dois efeitos: a existência eterna das essências singulares e a existência na duração destas mesmas essências. Vejamos mais detidamente, a questão da existência e da essência dos modos finitos.

No escólio da proposição XXIX do Livro V da *Ética*, Spinoza cita as duas maneiras em que as coisas por nós concebidas têm existência atual:

As coisas são concebidas por nós, como atuais, de dois modos: ou enquanto concebemos que elas existem com relação a um tempo e a um lugar determinados, ou enquanto concebemos que elas estão contidas em Deus e que resultam da necessidade da natureza divina. Ora, as que são concebidas como verdadeiras, ou seja, *reais, deste segundo modo, concebemo-las do ponto de vista da eternidade*, e as idéias delas envolvem a essência eterna e infinita de Deus [...]. (Grifo nosso)

Delbos analisa as coisas singulares sob a ótica do escólio acima citado e interpreta-as como tendo uma dupla existência: por um lado, a existência que se define por uma relação a um lugar e a um momento determinado (existência empírica); por outro lado, a existência que se define por uma relação à causalidade imanente de Deus e que resulta da necessidade da natureza divina (existência eterna singular); ou seja, as coisas singulares existem porque são determinadas a ser pelo conjunto das outras coisas existentes a exercer em um certo momento a força que elas têm de suas essências e porque têm uma essência eterna advinda da substância absolutamente infinita (1987, p. 65-66).

## Conclusão

As coisas singulares certamente podem ser por nós concebidas como existindo atualmente do primeiro modo, pois elas têm existência determinada (Ip25c); quanto ao segundo modo, se afora Deus nada pode ser concebido (Ip14) e as coisas particulares são definidas como afecções dos atributos de Deus (Ip25c), também nos é lícito concebê-las como existindo atualmente deste modo. No primeiro modo, estamos concebendo a existência dos modos finitos na duração como realidade física; no segundo modo, estamos concebendo a existência da essência singular dos modos finitos como existindo em ato ou como realidade física. Portanto, as essências das coisas singulares também são realidades físicas que têm uma existência atual. Contudo, a existência eterna das essências singulares dos modos finitos não deve ser confundida com a existência na duração dessas mesmas essências e tampouco devemos identificar os modos finitos com a substância única e eterna, visto aqueles terem essências eternas.

Quanto à distinção entre a existência eterna das essências singulares dos modos finitos e a existência na duração dessas mesmas essências cabe novamente ressaltar a concepção spinozista de eternidade: é uma existência que não tem nenhuma relação com a duração (continuação indefinida do existir) e nem

com o tempo. Neste sentido, a existência eterna das essências singulares deve ser concebida como seqüência de sua essência mesma ou definição como coisa eterna (Id1), elas devem necessariamente ter a sua existência implícita em si mesmas. Ora, Deus é a causa que produz todas as coisas (Ip18) e à essência das coisas produzidas por ele não pertence o existir (Ip24c); portanto, a essência dos modos finitos e infinitos não implica a sua existência; Deus é a causa de suas existências e de suas essências (Ip25). Logo, a existência eterna e a existência na duração das essências singulares devem ser compreendidas em Deus, mas com sentidos distintos entre si. A existência eterna das essências singulares resulta de maneira incondicional dos atributos divinos; enquanto a existência destas mesmas essências na duração é condicionada pelo nexos infinito de causas finitas. A existência de cada essência singular na duração depende da existência anterior de uma série indefinida de outras existências singulares na duração. Segundo Delbos,

a ordem comum da natureza, onde as coisas particulares encontram sua existência e seu gênero próprio de ação, é o nexos infinito das causas [finitas], *infinitus causarum nexus* (1987, p. 62).

Quanto à identificação dos modos finitos com a substância única, vimos anteriormente que Deus é a causa eficiente das coisas particulares, pois Deus é a causa eficiente de todas as coisas (Ip25); contudo, como ele é substância única, todas as coisas produzidas por ele estão nele porque ele é causa imanente [que produz efeitos em si mesmo] de todas as coisas e não [causa] transitiva [produz efeitos fora de si] (Ip18). Entretanto, isto não nos autoriza identificar Deus com os modos finitos porque eles são definidos como as coisas particulares pelas quais os atributos divinos se exprimem sob uma forma determinada (Ip25c) cuja essência não envolve a existência (Ip24); ou seja, as coisas singulares não têm “aquela existência necessária, infinita, absoluta que se chama eternidade; tem apenas uma existência limitada a que se pode chamar duração” (MOREAU, 1982, p. 37). Segundo o próprio Spinoza em carta a Louis Meyer:

[...] se atendemos somente à essência dos modos, e não à ordem de toda a natureza, não podemos concluir da sua existência presente à sua existência ou não existência futura nem à sua existência ou não existência passada. Donde se deduz claramente que a **existência da substância é concebida como totalmente diferente da existência dos modos** (SPINOZA, 1964, p. 156; grifo nosso).

Assim, os corpos são apenas determinações particulares do atributo infinito extensão e os entendimentos finitos são apenas modos do atributo infinito pensamento que não podem ser identificados com a substância absolutamente infinita ou Deus.

## Referências Bibliográficas

- DELBOS, V. *Le Spinozisme*. 5. ed. Paris: J. Vrin, 1987. 215 p. (Bibliothèque D'Histoire de la Philosophie).
- DELEUZE, G. *Espinosa e os Signos*. Tradução por Abílio Ferreira. Porto: Rés, 1970. 205 p. (Coleção Substância). Tradução de: Spinoza. p. 101 e 102.
- MOREAU, J. *Espinosa e o Espinosismo*. Tradução por Lurdes Jacob e Jorge Ramalho. Lisboa: Edições 70, 1982. 110 p. (Biblioteca Básica de Filosofia, 20). Tradução de: Spinoza et le spinozisme. p. 30 e 31.
- SPINOZA, B. de. *Ética*. Tradução de Joaquim de Carvalho *et al.* In: ESPINOSA. Seleção de textos de Marilena Chauí. Traduções por Marilena Chauí *et al.* 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).
- SPINOZA, B. de. Lettres. In: ŒUVRES. Tradução, notícias e notas por Charles Appuhn. Paris: GF Flammarion, 1964. 4 v. v. 4, Lettre LX, p. 309.